

COMUNISMO, NACIONALISMO E POLÍTICA NA DIÁSPORA: OS ARMÊNIOS EM SÃO PAULO (1930-1964)

Heitor de Andrade Carvalho Loureiro

Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

heitorloureiro@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por finalidade compreender melhor o que foi o comunismo da coletividade armênia em São Paulo entre os anos de 1930 e 1964 e também, como a repressão do DEOPS/SP agia sobre esse grupo. Palavras-chave: Comunismo, Armênios, DEOPS/SP.

Abstract: This paper analysis the Armenian communism in São Paulo between 1930 and 1964. Besides, we will understand how the repression of DEOPS/SP worked to guard this foreigner group. Keywords: Communism, Armenians, DEOPS/SP

1. INTRODUÇÃO

Tive também informação de que há vários dias foi uma carrocinha de leite assaltada por indivíduos estrangeiros, residentes nas imediações da rua Ararima, tendo estes últimos dito ao leiteiro que não se zangasse, pois a revolução comunista estava para chegar e isso era só o princípio¹.

Abaixo desta declaração, subscreve o delegado João Telles de Souza um documento ao delegado de Ordem Social em 1º de dezembro de 1935, na cidade de São Paulo. O trecho supracitado foi retirado do prontuário do professor da escola armênia do bairro de Santana, Nazareth Avedikian. Em tal documento, o delegado afirma que a queixa foi prestada pelo Sr. José Pela, suposta vítima de agressão física por parte de “indivíduos de credo comunista”².

Ainda segundo o delegado Souza, depois das investigações, ficou concluído que a prática de espancamento é uma tática utilizada pelos armênios da região para com todos aqueles que não “comungam de suas idéias”. Além disto, o prontuariado teria obrigado todos

¹ Prontuário nº 3.125 – *Nazareth Avedikian*. DEOPS/SP, APESP.

² Idem.

os alunos de sua escola a comparecer ao estabelecimento de ensino com uma faixa vermelha no uniforme, em homenagem a Lênin³.

E é neste tom que segue todo o prontuário do professor Avedikian, fichado pelo DEOPS/SP como comunista, assim como diversos outros armênios residentes na cidade de São Paulo na década de 1930. A repressão do antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP – 1924-1983)⁴ recai assim sobre uma boa fração da colônia⁵ armênia, que segundo o entendimento das autoridades repressivas “todos pertencem a Armênia Soviética (sic)⁶ e são comunistas, adeptos e admiradores de Stalin”⁷, numa clara tentativa de demonização dos inimigos políticos. Assim, nos cabe perguntar: se a disseminação do “credo comunista” entre os brasileiros já assustava as autoridades, o que podemos inferir quando refletimos sobre indivíduos oriundos de um país que a esta altura era república integrante da URSS⁸? O “perigo bolchevique” que assombrou o mundo após a Revolução Russa de 1917, dava ao operariado uma perspectiva sólida de rompimento com o *status quo* e solidificar o sonho de liberdade (HECKER, 1989, p. 160). O socialista italiano Antonio Piccarolo, crítico do comunismo bolchevista, afirma que:

Ele [o proletariado] voltou da guerra disposto a fazer valer os seus direitos... o bolchevismo não é um fenômeno artificial como muitos gostariam de acreditar... [e] poderá estender-se a todo o mundo de uma hora para outra se as classes que têm a responsabilidade da ordem social não souberem promover, em tempo,... aquela justiça à qual a classe produtora da riqueza tem pleno direito... (Ibid., p. 164)

³ Idem.

⁴ O DEOPS foi criado, segundo Regina Célia Pedroso, em um contexto de repressão política e formação ideológica contra àqueles que fossem julgados prejudiciais para a manutenção da ordem vigente, principalmente os anarquistas e estrangeiros em um primeiro momento. (PEDROSO, 2005, pp. 112-114).

⁵ Usamos *colônia* como um termo para nos referirmos aos armênios de São Paulo, embora entendamos que a palavra pode denotar uma homogeneidade e uma articulação do conjunto que nem sempre acontece. (HECKER, 1989, p. 2).

⁶ Embora estes tenham emigrado antes de 1921, quando a Armênia se tornou uma das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

⁷ Pront. nº 98.438 - *Vartavar Tchungurian*. DEOPS/SP, APESP. Esta citação também está presente no prontuário de Avedikian, uma vez que as investigações sobre Tchungurian apontam o professor como um dos mantenedores do jornal *Ararat – A voz do povo armênio*, órgão dos armênios simpáticos à URSS. No trabalho “A Imprensa Confiscada pelo DEOPS”, os autores também mencionam o jornal *Ararat* e o processo supracitado. CARNEIRO & KOSSOY, 2003, pp. 114-117).

⁸ Taciana Wiazovski (2001, p. 37) nos mostra que eram justamente os imigrantes – sobretudo judeus – oriundos dos países pertencentes à URSS e seus satélites os mais perseguidos pelo DEOPS/SP sob a acusação de comunismo.

Desta forma, podemos entender como o comunismo tornou-se ponto de pauta do engajamento político operário a partir da década de 1920, assim como compreender o receio que este fenômeno causou em diversos setores da sociedade brasileira. É embebido neste caldo político que, de acordo com Tucci Carneiro (1999, pp. 335-336), o DEOPS assume a dianteira da repressão para “domesticação das massas”, homogeneizando diferentes tendências e desarmando os pensamentos considerados “potencialmente perigosos”. Regina Célia Pedroso (2005, p. 129), por sua vez, afirma que “o comunismo é o elemento desagregador da sociedade, contra a moral e bons costumes, sendo expresso pela destruição e pela violência alardeados contra o estado getulista”.

Com este primeiro questionamento, acerca do que foi o movimento comunista armênio – se é que este constituiu um movimento –, pretendemos entender o que foi o comunismo dos armênios durante os anos de 1930 e 1964, bem como a repressão que acompanhou atenta a movimentação ideológica da comunidade, principalmente em São Paulo, mas também em outros estados do Brasil, de onde afluía o capital necessário para manter as atividades de divulgação do apoio armênio à URSS, como por exemplo o jornal *Ararat – a voz do povo armênio*. O que podemos inferir previamente é que os armênios rotulados como comunistas se encaixavam perfeitamente no perfil estereotipado que a repressão criou para enquadrar os elementos indesejáveis: “os revolucionários, os contestadores, os sindicalistas, os estrangeiros, os operários, os anarquistas e os subversivos” (Ibid., p. 114).

Entretanto, transportar automaticamente para todos os armênios do Brasil o rótulo de comunistas é um erro crasso e precisa ser evitado a todo custo. E mesmo entre os esquerdistas, não podemos afirmar que havia uma homogeneidade⁹. Assim, para logarmos êxito em nossa proposta, precisaremos de uma análise sóbria sobre a imigração armênia no Brasil, bem como de suas nuances políticas que dividem a comunidade desde os primeiros imigrantes chegados ao país. Apenas após este importante passo, poderemos entender em profundidade e com a lucidez necessária o que foi o fenômeno político comunista no seio da coletividade armênia brasileira, qual foi o seu alcance e, principalmente, em que medida isso

⁹ Como podemos perceber, por exemplo, na ação do italiano Antonio Piccarolo no Brasil, que apesar de ser o líder dos socialistas italianos em São Paulo, mantinha uma posição crítica perante a URSS e ao comunismo (HECKER, 1989).

representava uma ameaça relevante para o Estado brasileiro então representado pelo DEOPS/SP¹⁰.

O recorte temporal – 1930-1964 – é duplamente conveniente: primeiro porque Golpe Civil-Militar de 1964 inaugura um novo regime de intolerância e autoritarismo, ainda que com elementos presentes desde 1930; segundo porque as nossas fontes – os prontuários dos armênios fichados pelo DEOPS/SP – que tratam especificamente da vigilância ao elemento armênio suspeito de comunismo estão quase na totalidade dentro da época aqui assinalada¹¹.

Entretanto, antes de avançarmos nas especificidades da comunidade armênio-brasileira, temos que nos deter alguns instantes nos motivos que fizeram este povo emigrar, a fim de entender o processo de chegada no Brasil e a inserção destes tanto na esfera produtiva nacional, quanto nos círculos sociais.

2. BRASIL, O LUGAR DO RECOMEÇO

Ao contrário de outras etnias, não houve uma política pública de incentivo a imigração armênia para o Brasil¹², assim como houve para a França, por exemplo, onde os armênios serviram como mão-de-obra sobressalente aos franceses mortos durante a Primeira Guerra Mundial (SAPSEZIAN, 1988, p. 164). Por este motivo, não é de se espantar o pequeno número de armênios que emigraram para o Brasil comparado-se com trabalhadores oriundos de outros países, ou ainda se pensarmos nas cifras de imigrantes armênios em nações que incentivaram o aporte destes.

Não há um número exato de quantos armênios há atualmente no Brasil. Roberto Grün (1992, p. 17), em publicação de 1992, refere-se a algo em torno de 20 a 25 mil

¹⁰ “Ao Estado não interessava permitir a manifestação de comunidades organizadas – aqui entendidas como grupos com projetos políticos, étnicos ou culturais diversificados –, o que explica sua insistência em manter regulamentos que se antecipassem ao risco da rebelião” (CARNEIRO, 1999, p. 336).

¹¹ Podemos usar como balizas temporais os prontuários de Nazareth Avedikian, de 1935 – Pront 3.125 –, cuja investigação foi uma das primeiras no que tange ao comunismo da comunidade armênia e, por outro lado, a investigação sobre a União Armênia de São Paulo – Pront. 94.341, que data de 1963 e foi a última ficha relevante do DEOPS neste sentido.

¹² Embora um caso muito curioso revele que o político e escritor Medeiros e Albuquerque tentou articular, sem sucesso, a vinda de armênios para São Paulo e Amazonas durante o governo Campos Sales. (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 1982, pp. 212-213; KECHICHIAN, 2000, p. 31).

armênios¹³. Número este que é citado por Hagop Kechichian (2000, p. 66). Aharon Sapsezian, por sua vez, não ousa fazer uma estimativa precisa. O autor apenas nos revela acreditar que haja cerca de 50 mil armênios somando principalmente Brasil e Uruguai, mas também no Chile, Venezuela e México (SAPSEZIAN, 1988, p. 166). O documentário televisivo “Chegados: Armênia”, de 2007, por sua vez, estima em 40 mil o número de armênios no Brasil atualmente¹⁴. Consonante com estas estimativas está o trabalho de Giralda Seyferth (1999, p. 202), onde os armênios não figuram na lista de etnias que continham mais de 100 mil indivíduos no Brasil no século XX. Estes são tidos pela autora como uma etnia pouco expressiva estatisticamente (Idem).

Destarte, apesar de não haver estimativas confiáveis e definitivas, somos levados a compactuar que existem cerca de 25 mil armênios no Brasil, em sua maioria, localizados em São Paulo. Tal concentração deu-se por consequência da maioria dos armênios que embarcaram na Europa rumo à América tomaram embarcações que ancoraram no porto de Santos (GRÜN, 1992, p. 22), apêndice de uma São Paulo em franco desenvolvimento e atraente para aqueles que procuravam começar uma nova vida.

O *boom* imigratório deu-se na década de 1920, em função do Genocídio Armênio. Primeiro genocídio do século XX e o mais longo da história¹⁵, este fenômeno foi uma ação sistematicamente organizada pelo governo turco-otomano – tomado pelo Comitê União e Progresso, alcunhado de Partido dos “Jovens Turcos”, com a finalidade de exterminar a população armênia das seis províncias da Anatólia. Este processo servia a um propósito: manter vivo o Império Turco-Otomano que apresentava sérias rachaduras em suas estruturas, após anos de crises econômicas e políticas, que custaram à Porta a perda dos Bálcãs, derrota da qual o governo otomano nunca iria se recuperar. Aniquilar os armênios da Anatólia era uma tentativa de evitar que estes entrassem em uma ebulição revolucionária que poderia culminar na independência desta região, o que seria o fim do já fragilizado Império Turco-Otomano (LOUREIRO, 2009).

¹³ Entretanto, Grün não cita as fontes que o fizeram girar em torno desta cifra. (GRÜN, 1992, p. 17).

¹⁴ O documentário pode ser assistido em formato não-oficial no *website YouTube*: <<http://www.youtube.com/watch?v=D2q-EwXKRic>> acesso em 09/03/2010.

¹⁵ Tese sustentada por Campolina Martins (1998, p. 154, nota 16). Como não houve um reconhecimento do Genocídio por parte da República da Turquia – herdeira legal do legado turco-otomano – não podemos falar em um desfecho jurídico na questão, permanecendo em aberto até hoje.

Porém, também é sabido que havia armênios no país desde finais do século XIX, imigrantes oriundos de outro contexto sócio-político no Império Turco-Otomano, principalmente dos massacres de Abdul-Hamid II nos anos 1890. De acordo com Hagop Kechichian, a primeira entrada substancial de armênios no país se deu via Rio Grande do Sul, por indivíduos que em busca de oportunidades de negócios, atravessaram a fronteira uruguaia com o Brasil e se estabeleceram em cidades daquele estado¹⁶. Alguns mascates armênio-uruguaio alcançaram o sudeste, principalmente as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo (KECHICHIAN, 2000, pp. 23-24 e 46-48). O autor afirma que existiam de quinze a vinte famílias armênias no país antes de 1914 (Ibid., p. 40).

Contudo, a chegada do maior contingente de imigrantes armênios se concentrou entre os anos de 1924-1926 (KECHICHIAN, 2000, p. 32), chegando ao número de cinco mil armênios no país em 1935 (Ibid., p. 51), atraídos muitas vezes pelas experiências dos árabes na Síria e no Líbano – países nos quais os armênios se refugiaram no primeiro momento –, que remetiam cartas às famílias contando das vitórias e conquistas no Brasil (Ibid., p. 31).

A origem da maior parte dos armênios brasileiros remete à região da Cilícia – ou Armênia Menor, localizada às margens do Mar Mediterrâneo –, sendo a cidade de Marash a principal origem destes indivíduos (GRÜN, 1992, p. 14; KECHICHIAN, 2000, p. 24), o que colaboraria para a organização e a criação de laços de sociabilidade na terra de destino¹⁷. Kechichian afirma que os primeiros que aqui chegaram se organizaram em pequenas sociedades e conseguiram iniciar pequenos negócios, principalmente vinculados às atividades comerciais de mascate. Uma vez estabelecidos e relativamente estabilizados, os novos imigrantes já direcionavam seus esforços para a confecção de calçados, atividade na qual muitos já trabalhavam nas cidades de origem (KECHICHIAN, 2000, p. 33).

Os artesanais calçados armênios, segundo Grün (1992, p. 14) e Kechichian (2000, p. 33), eram de qualidade e preço inferiores aos concorrentes italianos, o que garantiam ao produto um público consumidor certo entre as classes trabalhadoras da São Paulo dos anos 1920-40. Assim, Grün (1992, p. 44) teoriza que os armênios sapateiros encontraram na cidade

¹⁶ O mesmo processo pode ser percebido na entrada de libaneses no território brasileiro, também no final do século XIX (TRUZZI, 2005, p. 21).

¹⁷ Interessante notar que este é um fenômeno comum às etnias do Oriente Médio. Os sírios de Juiz de Fora – MG também são provenientes majoritariamente de uma mesma cidade: Yabroud (BASTOS, 1988, pp. 22-27). Isso se dá, segundo Oswaldo Truzzi (2005, pp. 2-3), graças a base identitária situada no tripé aldeia, família e religião, crucial para o entendimento de sírios, libaneses e em alguma medida, também pelos armênios.

um nicho econômico propício ao produto oriundo do ofício, contribuindo assim para a adaptação e enraizamento dos imigrantes no Brasil.

Mais do que um ofício e fonte de renda, as oficinas-sapatarias armênicas na cidade serviam como as primeiras áreas de sociabilidade entre os imigrantes. Era em função do negócio que os armênios se reuniam e se apoiavam, com o intuito de fomentar novos artesãos que haviam chegado a pouco do oriente e ainda não tinham condições de sobreviver no Brasil (Ibid., pp. 46-47). Assim, os armênios melhor adaptados e financeiramente estáveis no Brasil, como Rizkallah Jorge, subsidiavam os recém-chegados com capital e matéria-prima para que estes pudessem iniciar as vidas no novo país (Ibid., pp. 48-49).

A partir daí, a vida social e política da comunidade tomou forma. As primeiras sociedades e associações foram fundadas, com o intuito de construir os dois pilares fundamentais da existência do armênio na Diáspora: a Igreja e os partidos (SAPSEZIAN, 1988, p. 167)¹⁸. Assim, foi formada em 1923¹⁹ a Comissão da Fundação da Coletividade, liderada pelo já citado Rizkallah Jorge, com o objetivo primeiro de construir uma sede para a Igreja Apostólica Armênia no Brasil (KECHICHIAN, 2000, p. 69). Também os católicos e evangélicos armênios conseguiram organizar-se e constituir suas entidades²⁰, em 1935 e 1927 respectivamente (Ibid., pp. 72-73), e é na Igreja Evangélica Armênia que nasce a primeira escola armênia no Brasil, em 1937 (Ibid., p. 74).

A construção de instituições educacionais era outro objetivo de curto prazo da comunidade nos seus primórdios. Além disto, sociedades culturais e recreativas também afloraram no seio da coletividade nas décadas de 1920 e 1930, bem como agremiações da juventude armênia, encenando peças e cantando músicas armênicas em corais. A instituição mais significativa neste sentido foi a Sociedade Artística de Melodias Armênicas – Clube Armênio – SAMA (Ibid., pp. 80-84).

¹⁸ A Igreja Apostólica Armênia durante toda a sua existência foi símbolo de segurança e apoio aos armênios, seja nas guerras antigas, no Genocídio de 1915-23 ou nas dificuldades da Diáspora. Para entender o processo histórico de formação da Igreja, cf. LOUREIRO, 2006.

¹⁹ Embora a primeira entidade criada pela coletividade armênia no Brasil date de 1915, destinada a angariar fundos para ajudar os sobreviventes do Genocídio (KECHICHIAN, 2000, p. 40).

²⁰ Na Armênia e em toda a Diáspora, existem três instituições religiosas que congregam os armênios: a Igreja Apostólica Armênia – ou gregoriana – é a maior e mais influente delas e é a Igreja da maior parte dos armênios do mundo. A Igreja Católica Armênia é fruto da cisão da Gregoriana no século XVII e possui importantes instituições e intelectuais ao longo da história dos armênios. Os Evangélicos armênios são oriundos das missões norte-americanas no final do século XIX e início do XX e constituem a menor dos três ramos religiosos armênios. Cf. LOUREIRO, 2006.

Também prioritárias, as escolas primárias da comunidade surgiram tão logo foi possível. Em 1928, uma entidade feminina da coletividade funda uma escola, enquanto a Sociedade Beneficente e Cultural Marachá funda outra (Ibid., p. 92). Em 1931, entretanto, as escolas são unificadas no *Hay Azkain Turian Varjarian*, entidade educacional criada e gerenciada pelo Conselho da Igreja Apostólica Armênia (Ibid., pp. 94-95)²¹. Apesar disso, uma crise econômica na instituição em 1932 não permitiu o início do segundo ano letivo, sendo a solução a fundação de uma nova escola no bairro de Santana (Ibid., p. 95), instituição na qual lecionava o professor Nazareth Avedikian, proutariado citado no começo de nossa apresentação.

Por último, as agremiações partidárias também são instituições da primeira hora na coletividade armênio-brasileira. No Brasil, tal qual em outros países da Diáspora armênia, destacam-se três partidos principais: Hentchak, FRA e Ramvagar. Passemos então a falar destas instituições mais pormenorizadamente.

3. OS PARTIDOS POLÍTICOS ARMÊNIOS NO BRASIL E O MOVIMENTO COMUNISTA

Os partidos políticos armênios têm a sua origem entre as décadas de 1890 e 1910, no contexto do “despertar nacional armênio”, como Y. Ternon (1996, pp. 43-60) denomina, e foram criados principalmente com o intuito de unificar pautas nacionalistas e promover as tão sonhadas reformas do Império Turco-Otomano. As mais importantes agremiações políticas neste contexto são o Partido Social Democrata *Hentchakian* – ou *Hentchak*²² –, a Federação Revolucionária Armênia – FRA, também conhecida pela abreviação de seu nome em armênio: *Tashnag*²³ – e por último, o Partido Democrata Liberal *Ramgavar*²⁴.

A Federação Revolucionária Armênia – FRA –, mais forte entidade na Diáspora, está representada também na América do Sul e no Brasil, atuando através da Associação

²¹ Com o decreto de nacionalização do ensino em 1938, a escola passou a se chamar Externato José Bonifácio (EJB), denominação vigente até hoje. O EJB funciona em prédio anexo à Igreja Apostólica Armênia, na Av. Santos Dummont, em São Paulo e é a única escola armênia em funcionamento atualmente.

²² Sino, em tradução livre para o português. *Hentchak* era o nome do jornal do partido nos primórdios de sua história.

²³ O nome em armênio da Federação Revolucionária Armênia – FRA – é *Hay Heghapokhagan Tashnagsutiun* – *Ho. Hi. Ta*.

²⁴ *Democrata*, em tradução livre para o português.

Cultural Armênia de São Paulo – ACASP, fundada em 1929 (KECHICHIAN, 2000, p. 98) e constituindo aqui as suas entidades, como a já citada Sociedade Artística e de Melodias Armênias – SAMA - Clube Armênio –, a Associação Educacional e Cultural Hamazkayin²⁵ e a Sociedade das Damas Benéficas Brasil-Armênia – HOM – Cruz Vermelha Armênia²⁶. Além disso, a ACASP mantém um programa radiofônico semanal²⁷ e um *website* que é atualizado periodicamente com as notícias da Armênia e da Diáspora²⁸.

Assim, os partidos fecham o ciclo orgânico e mutável das instituições armênias, que como todas as outras etnias imigrantes, “formalizaram, em algum grau, suas etnicidades, fundamentadas por identidades articuladas à origem nacional” (SEYFERTH, 1999, p. 202).

Diante de toda a ebulição político-partidária já intrínseca à comunidade armênia, aliada ao contexto instável da política brasileira entre as décadas de 1920-40, não seria de se estranhar a movimentação dos imigrantes já radicados, seja nas agremiações compatriotas, seja nas entidades brasileiras. Neste sentido, pretendemos entender o porquê das autoridades do DEOPS/SP ficharem armênios sob a acusação de comunismo, ideologia perigosa à nação naqueles tempos.

Para os armênios, apoiar a URSS não era necessariamente um gesto de apoio ao comunismo. Até mesmo o Partido Democrata Liberal Ramgavar, de cariz conservador e burguês, era um entusiasta da Armênia Soviética, uma vez que foi a anexação do país à URSS o que garantiu a manutenção do torrão nacional, longe da constante ameaça turca. Convém lembrar que não havia entre as agremiações diaspóricas armênias, um partido essencialmente comunista²⁹, mas sim indivíduos simpatizantes com os ideais comunistas que poderiam militar entre os brasileiros e divulgar suas ideias entre os patrícios. A FRA, por sua vez, era contrária a ocupação soviética, por acreditar que a RSS da Armênia não era a consolidação ideal da pátria armênia por qual eles lutavam.

Diversas entidades foram criadas pelos partidos e grupos políticos, com algumas delas ocupando o mesmo nicho social na comunidade. À frente de tais instituições, era

²⁵ <<http://www.armenia.com.br/Hamazkayn/HAMAZKAYN.htm>>, acesso em 04/03/2010.

²⁶ Fundada em São Paulo em 1934 (KECHICHIAN, 2000, p. 85). A entidade é também a mantenedora de um asilo na zona norte de São Paulo.

²⁷ Programa Armênia Viva, Rádio Trianon 740 khz - Am /SP.

²⁸ <<http://www.armenia.com.br>>, acesso em 04/03/2010.

²⁹ Embora Nubar Kechichian, em tom pejorativo, defina o Hentchak enquanto tal (KERIMIAN, 1998, p. 252).

comum que indivíduos vinculados a um partido determinado fossem também ligados a um clube, sociedade recreativa ou educacional. Assim, quadros da FRA, maior força política da comunidade, poderiam exercer influência sobre os compatriotas, em prol deste ou daquele rumo para as entidades. Desta forma, é possível que muitos armênios descontentes ou não-simpatizantes da FRA pudessem se declarar comunistas por encontrar nesta posição política uma forma de fazer oposição à tendência preponderante no seio da Diáspora.

Um exemplo desta oposição de comunistas x FRA pode ser observado no prontuário do músico Wahakn Minassian³⁰. Membro notório da FRA, Minassian foi delatado em 1948 pelo comunista Agop Boyadjian³¹ por comemorar o torpedeamento de navios brasileiros durante a II Guerra Mundial. Em depoimento, Minassian nega ter comemorado tal acontecimento, mas mesmo assim foi preso pelo DEOPS/SP. Embora nossas pesquisas não possam concluir ainda qual a motivação da denúncia de Boyadjian, nos parece bem plausível que tal delação tenha sido motivada por desavenças políticas no interior da comunidade armênia de São Paulo, que vivia também a efervescência política exacerbada pelo estourar da II Guerra Mundial. Logo, quando falamos de armênios comunistas no Brasil, devemos pensar em indivíduos cuja ideologia política está embebida de diversos outros elementos, como o nacionalismo romântico da terra natal e também, da compreensão que a opção pelo comunismo é uma ferramenta poderosa para intervir politicamente no seio da coletividade. Ou seja, o comunismo armênio-brasileiro é meio para atingir um objetivo definido: seja este a revolução ou uma maior expressão na vida social da colônia.

Voltando ao professor Nazareth Avedikian, prontuário citado no começo desta apresentação, as investigações do DEOPS/SP não são conclusivas sobre as motivações comunistas do professor para a agressão. Tampouco é comprovadamente comunista o furto da carroça de leite, atribuída a estrangeiros ansiosos pela revolução³². Em dezembro de 1935, data da queixa, o Brasil vivia o ápice do “medo vermelho”. Em 1934, militantes do PCB dispersaram uma manifestação dos Integralistas na Praça da Sé, enfurecendo as forças conservadoras (VIANNA, 2007, p. 74). Menos de um mês antes do prontuário, os levantes em diversos quartéis do Brasil foram rapidamente sufocados pelo governo Vargas, enquanto a

³⁰ Pront. 17.834 – DEOPS/SP, APESP.

³¹ Pront. 46.273 – DEOPS/SP, APESP. Boyadjian foi preso em 1949 juntamente com Levon Yacubian, acusados de atividades subversivas.

³² Pront. nº 3.125.

imprensa dava ampla cobertura ao que ficou pejorativamente conhecido como Intentona Comunista (Ibid.).

Diante de tal quadro, podemos afirmar que por vezes o DEOPS/SP era chamado a intermediar conflitos sociais sem relação com problemas políticos, com a alegação de que uma das partes foi movida por interesses partidários subversivos em sua conduta. Para Maria Luiza Tucci Carneiro (1999, p. 339), “tanto o DIP³³ quanto o Dops funcionaram como engrenagens reguladoras das relações entre o Estado e o povo”. Regina Célia Pedroso (2005, p. 142), por sua vez, frisa que “as deduções que a polícia fazia acerca da suspeição eram em geral balizadas a partir dos estereótipos atribuídos de antemão”, chegando até mesmo a fabricar provas para incriminar o suspeito de atividades subversivas e que, muitas vezes, havia delatores que entregavam um indivíduo à repressão como comunista por motivações pessoais, alheias às questões políticas (Ibid., pp. 140-141).

Se procederem as alegações que os alunos da escola necessitavam usar uma fita vermelha para homenagear Lênin³⁴ – o que só poderá ser averiguado no decorrer da pesquisa, mediante entrevistas, leituras de documentos internos da comunidade e fotografias, embora Avedikian confirme o uso –, poderemos inferir que a referida escola armênia era entusiasta da Armênia soviética e da URSS e, portanto, opositora à posição da FRA. Esta hipótese ganha força ao relembrarmos que a entidade educacional do bairro de Santana foi aberta em decorrência do fechamento da escola Turian, ligada a quadros da FRA (KECHICHIAN, 2000, p. 95).

Baseado no prontuário de Avedikian, podemos perceber que havia uma movimentação política na região, através de reuniões de cunho comunista na casa de um armênio, comandadas por um padre anônimo. Embora cerca de cinquenta anos mais tarde, o professor negar ser comunista e declarar-se ser neutro ante as posições partidárias (KERIMIAN, 1998, p. 279), é inegável o engajamento de Avedikian e alguns de seus compatriotas no comunismo. Dessa forma, muitas vezes a repressão feroz e intolerante do Estado não consegue diferenciar o que é comunismo do que é admiração de cunho nacionalista pela Pátria-mãe. Assim, acreditamos ser possível dividir os comunistas fichados pelo DEOPS/SP em três grupos distintos: a) os que apóiam a URSS pelo fato da Armênia

³³ Departamento de Imprensa e Propaganda.

³⁴ Pront. nº 3.125.

estar contida naquele país; b) os que são comunistas para demarcar terreno político dentro da coletividade, uma vez que a vida político-partidária era intrínseca ao indivíduo armênio; c) os que eram comunistas *strictu sensu*, comprometido com toda a teoria e prática peculiar a essa postura. Entretanto, esses grupos não são excludentes, ou seja, um indivíduo pode se enquadrar nas três categorias simultaneamente

Em entrevista a um jornal de Londrina – PR em 1983, o também prouvariado José Balikian³⁵ afirmava que “nosso país sempre foi muito pobre. Lá, só existiam escolas primárias. Hoje, com o socialismo, eles tem de tudo”³⁶. A declaração de Balikian – também relacionado como simpatizante de Stálin por colaborar com o jornal Ararat³⁷ – pode envolver um entusiasmo com o comunismo, bem como com a manutenção do território armênio com fronteiras bem delimitadas e a melhoria da condição de vida da população da RSS da Armênia se comparada aos tempos otomanos. Neste sentido, o comunismo e o nacionalismo armênio são indissociáveis.

Na mesma direção vai o depoimento do ator Stepan Nercessian sobre o seu pai, Garabed. Notório comunista, Garabed desencoraja o filho Stepan alimentar ódio ou sentimento de vingança para com os turcos, pois, segundo ele mais do que armênios, eles eram socialistas, comunistas e, o trabalho dos armênios comunistas pelo mundo não era a vingança, mas sim lutar para que aquelas atrocidades nunca mais aconteçam com a humanidade³⁸. Nesta declaração, apesar de não versar sobre a RSS da Armênia, deixa transparecer o papel do armênio na humanidade, em consonância com a tradição internacionalista do comunismo, mas sem esquecer a origem ancestral.

Porém, é Levon Yacubian³⁹ o caso mais proeminente dos usos do comunismo dentro da coletividade armênia no Brasil. Em artigo escrito ao jornal Ararat de dezembro de 1949 e janeiro de 1950, Yacubian glorifica Stálin, chamando o líder da URSS de “melhor dos amigos incondicionais de nossa Pátria [Armênia]” e “patrimônio imortal da humanidade”⁴⁰. Nestas falas, percebemos o entusiasmo de Yacubian com o presidente soviético, que para ele

³⁵ Pront. n° 98.433. Agradecimentos a Viviane Balekian Vilar pela documentação repassada.

³⁶ Jornal Folha de Londrina. 08 de agosto de 1983.

³⁷ Pront. n° 98.438.

³⁸ Depoimento de Stepan Nercessian. Documentário “Chegados: Armênia”. Canal Futura, 2007.

³⁹ Prontuário n°. 73.631- *Levon Yacubian*. DEOPS/SP – APESP.

⁴⁰ Ararat – A voz do povo armênio. Ano IV, n°. 39-40; dezembro de 1949 a janeiro de 1950, p. 1. Essa página foi reproduzida fac-símile em CARNEIRO & KOSSOY, 2003, p. 115.

é figura crucial para a sobrevivência da Armênia no mundo. E Yacubian vai além, afirmando que:

somente o poder socialista dos operários, camponeses e intelectuais armênios é que conseguiu derrotar definitivamente, na Armênia, as forças retrogradadas [sic] do governo tashnag de Vratzian. Somente o socialismo é que deu o poder governamental nas mãos do povo armênio, outrora escravizado [sic] e espoliado por meia dúzia de lacaios tashnags⁴¹

Ou seja, além de um entusiasta do socialismo enquanto forma de governo ideal para a Armênia, a postura política defendida pelo autor ataca diretamente a posição da FRA que, conforme falamos era o partido mais importante dos armênios. Assim, podemos perceber que a rixa dos armênios comunistas com a FRA era oriunda dos rumos que a República da Armênia tomara e, provavelmente, estas decisões tomadas na Pátria-Mãe acirravam os ânimos aqui na coletividade brasileira, a ponto de Yacubian ser tão agressivo em seu artigo. O autor finaliza da seguinte forma o seu texto: “ARARAT, neste septuagésimo aniversário de Stálin, reafirma a sua inflexível linha de conduta: *desmascarar os tchnags* [sic], lutar contra o imperialismo e a guerra em defesa da Paz”⁴².

Parece correto, portanto, intuir a presença significativa de um comunismo armênio no Brasil, mediante uma análise sóbria do vasto material que temos à nossa disposição. Assim, será possível compor mais um capítulo do infinito livro da História das Esquerdas no Brasil e ajudar a esclarecer uma faceta obscura da imigração armênia no país, qual seja, a de seus meandros políticos.

4. CONCLUSÃO

Concluindo, nossa hipótese é que, no limite, muitos armênios de São Paulo aderiram aos ideias comunistas por motivos que vão além da simpatia com esta ideologia. As nuances político-partidárias existentes nas comunidades diaspóricas armênias e, portanto na brasileira, nos permitem conjecturar que a escolha pelo comunismo, muito além de simpatia com os ideais de esquerda intrínsecos a esta posição, atendiam a interesses políticos que

⁴¹ Idem. Lembrando que FRA e Tashnag são duas denominações distintas para o mesmo partido político.

⁴² Idem. Os grifos são nossos.

interferiam diretamente no cotidiano da comunidade armênia de São Paulo. Podemos perceber esta interferência claramente no funcionamento das primeiras escolas da coletividade, no final da década de 1920, por exemplo. Ao mesmo tempo em que uma entidade feminina ligada à FRA fundava uma instituição primária de ensino, a Sociedade Beneficente Marachá – que abrigava muitos indivíduos simpáticos ao comunismo e à URSS – inaugurava a sua própria escola (KECHICHIAN, 2000, p. 92). Em 1931, as escolas foram unificadas e entregues ao Conselho da Igreja a responsabilidade pelo ensino (Ibid., p. 94). Entretanto, pouco tempo depois, a escola mergulhou em uma crise financeira que a forçava a fechar as portas. Diante deste cenário, segundo Kechichian (Ibid., p. 95), o comitê da FRA tomou a dianteira e conseguiu com que um proeminente membro da coletividade financiasse a abertura da uma outra escola no bairro de Santana⁴³. Ou seja, em um espaço onde convivem duas forças políticas díspares, é plausível que os erros e enganos sejam sempre creditados ao *outro* e à sua orientação política equivocada e, desta forma, começa uma disputa ideológica polarizada que envolve toda a coletividade.

Além disto, o sentimento nacionalista de preservação da pequena porção de terra da Armênia, naquela época sob o domínio de Moscou, angariou muitos adeptos ao comunismo da URSS, entendida como a salvadora da pátria armênia ante a perene ameaça turca.

A proximidade que estes imigrantes gostariam de ter com a Pátria-Mãe fez com que muitos assinassem jornais e freqüentassem clubes onde a “armenidade” pudesse ser exaltada. Evidentemente, este tipo de prática por parte de uma comunidade estrangeira não era bem quista tanto pelos intelectuais autoritários, como pelo governo e burocracia estatal. Assim, muitos armênios ditos comunistas pelo DEOPS/SP na realidade são apenas de pessoas que assinavam o jornal *Ararat – A voz do povo armênio* ou que procuravam viver a coletividade⁴⁴. Isso nos leva a outro objetivo de nosso trabalho: compreender como o DEOPS/SP via esta comunidade sob o prisma do anticomunismo e do preconceito para com os estrangeiros entre 1930-1964.

⁴³ Possivelmente é a mesma escola onde o “comunista” Nazareth Avedikian dava aula. Pront. 3.125.

⁴⁴ Cf. Pront. 98.394 - *Aris Kodjian*, Pront. 98.399 - *Yesnig Vartanian*, Pront. 98.406 - *Ardavast Manusadjian*, Pront. 98.417 - *Aram Fermanian*, Pront. 98.418 - *A. Fermanian*, Pront. 98.433 - *José Balikian*, Pront. 98.448 - *Dr. Hagop Karsselian*, Pront. 98.457 - *Antranik Barsumian*, Pront. 98.465 - *Armen Chekerdemian*, Pront. 98.503 - *Aram Seferian*, etc. DEOPS/SP, APESP.

Entretanto, não podemos descartar da nossa formulação aqueles imigrantes que por motivos que vão além da comunidade, escolheram o comunismo como postura política que achavam acertada para si, sem quaisquer relações diretas com a vida em comunidade.

Em suma, nosso trabalho contribuiu preliminarmente para entender como estes três movimentos distintos de adesão ao comunismo se desenvolveram no seio da colônia armênia no Brasil e, principalmente, como a repressão do DEOPS/SP via a comunidade armênia como uma totalidade uniforme e coesa. A partir destas primeiras indagações aqui apresentadas, pretendemos aprofundar este estudo no sentido de uma compreensão mais ampla do que foi o comunismo dos armênios no Brasil e também como agiu a repressão no sentido de desarticular os elementos que ela considerava subversivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Wilson de Lima (1988). *Os Sírios em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Paraibuna.

CAMPOLINA MARTINS, Antônio Henrique (1998). “Armênia, um povo em luta pela liberdade: o mais longo genocídio da história”. Dossiê – Direitos Humanos. In: *Ética e Filosofia Política*. Juiz de Fora: UFJF, v. 3, nº 1.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “O Estado Novo, o Dops e a ideologia da segurança nacional”. In: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & KOSSOY, Boris (2003). *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS*. São Paulo: Ateliê Editorial.

GRÜN, Roberto (1992). *Negócios e Famílias: armênios em São Paulo*. São Paulo: Sumaré.

HECKER, F. Alexandre (1989). *Um Socialismo Possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor.

KECHICHIAN, Hagop (2000). *Os Sobreviventes do Genocídio: imigração e integração armênia no Brasil – um estudo introdutório (das origens à 1950)*. São Paulo: Tese de doutoramento defendida no curso de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

KERIMIAN, Nubar (1998). *Massacres de Armênios*. São Paulo: Comunidade da Igreja Apostólica Armênia, 2ª ed.

LOUREIRO, Heitor (2006). “Breve história dos primórdios da Igreja Apostólica Armênia”. In: *Rhema*. Juiz de Fora: ITASA, v. 13, nº 40.

_____ (2009). *A Queda da Casa do Islã: o Genocídio Armênio (1915-1923) como práxis paradigmática no século XX*. Juiz de Fora: Monografia de bacharelado em História pela UFJF.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, J. J. C. C (1982). *Quando Eu Era Vivo*. Rio de Janeiro: Record.

PEDROSO, Regina Célia (2005). *Estado Autoritário e Ideologia Policial*. São Paulo: Laboratório de Estudos sobre Intolerância/Humanitas/FAPESP.

SAPSEZIAN, Aharon (1988). *História da Armênia: drama e esperança de uma nação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SEYFERTH, Giralda (1999). “Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”. In: PANDOLFI, Dulce (org). op. cit.

TERNON, Yves (1996). *Les Arméniens: histoire d’un génocide*. Paris: Seuil.

TRUZZI, Oswaldo (2005). *Sírios e Libaneses: narrativas de história e cultura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

VIANNA, Marly (2007). “O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935”. In: FERREIRA, Jorge. & DELGADO, Lucília. *O Brasil Republicano*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed.

WIAZOVSKI, Taciana (2001). *Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. Módulo VI – Comunistas. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial.